

Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto

Curso Profissional Técnico de Turismo

## Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto



Sérgio Antunes

Molares, 22 Junho de 2013

Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto

Curso Profissional Técnico de Turismo

## Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto

Professor Orientador: Sofia Carvalho

Sérgio Antunes

Molares, 17 Junho de 2013

## Agradecimentos

Neste trabalho não posso deixar de expressar o meu sincero agradecimento às pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Assim as minhas palavras de agradecimento vão para:

- A minha orientadora de Formação em Contexto de Trabalho, Sofia Carvalho, pela sua disponibilidade e amabilidade, pelo seu ensino e pelo seu apoio.
- Ao Posto de Turismo de Cabeceiras de Basto, ao orientador de Formação em Contexto de Trabalho e a todos os funcionários, que me receberam para poder concretizar a Formação em Contexto de Trabalho, e pela atenção e ajuda que todos me ofereceram.
- À Escola Profissional de Fermil que me deu a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos através da Formação em Contexto de Trabalho.
- Ao professor, Ricardo Amaral, que me auxiliou na organização deste trabalho.

## Resumo

Esta Prova de Aptidão Profissional (PAP) consiste no meu projeto final de curso, resultado de três anos de estudo empenho e dedicação. O tema deste projeto é um “Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto” no qual procurei aplicar tanto o que aprendi a nível escolar como em contexto de trabalho.

Este trabalho divide-se em três capítulos.

### Capítulo I – Noção Sobre Turismo e Animação

- Turismo
- A Animação
- Definições de Turista
- Contexto Cultural de Lazer
- Contexto Social de Recreio

### Capítulo II – Organização de um Itinerário Turístico

- Definições Gerais
- Tipos de Itinerários
- Recursos Afectos à Concepção do Itinerário

### Capítulo III – Caso Prático: Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto

- História de Cabeceiras de Basto
- Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto

## Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<b>Capítulo I – Noção sobre Turismo e Animação</b>	
1. O Turismo.....	9
1.1. O Turismo pela Oferta.....	10
1.2. O Turismo pela Procura.....	11
2. A Animação.....	11
2.1. Animação Turística.....	11
3. Definição de Turista .....	12
4. Contexto Cultural do Lazer .....	12
5. Contexto Social do Recreio .....	14
<b>Capítulo II - Organização de um Itinerário Turístico</b>	
2. Definições Gerais .....	15
3. Tipos de Itinerários Turísticos.....	16
1. Itinerários Segundo o Produto Turísticos .....	16
4. Recursos Afectos à Concepção dos Itinerários.....	19
4.1. Identificação do Traçado do Itinerário .....	24
4.2. Logística .....	25
<b>Capítulo III – Caso Prático: Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto</b>	
3.1. História de Cabeceiras de Basto .....	30
3.1.1. Caracterização de Cabeceiras de Basto .....	32
3.1.2. Núcleo Ferroviário do Arco de Baúlhe .....	34
3.1.3. O Núcleo Museológico do Baixo Tâmega (Arte Sacra).....	35
3.1.4. Mosteiro S. Miguel de Refojos.....	36
3.1.5. O Basto .....	37
3.1.6. Centro Hípico .....	38
3.1.7. Centro de educação Ambiental de Vinha de Mouros .....	39
3.2. Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto .....	40
3.2.1. Apresentação dos Cálculos.....	40
3.2.2. Análise SWOT.....	41
3.2.3. Inquérito de Satisfação .....	42
Conclusão .....	44
Bibliografia.....	45

## Índice de Imagens

Fig.1 - Classificação dos recursos turísticos	21
Fig.2- Praça da Republica	36
Fig.3 – Bandeira de Cabeceiras de Basto	37
Fig.4 – Brasão de Cabeceiras de Basto	37
Fig.5 – Localização do Concelho de Cabeceiras de Basto	38
Fig.6 – Mapa de Cabeceiras de Basto	38
Fig.7 – Núcleo ferroviário no Arco de Baúlhe	39
Fig.8 – Antiga Sacristia do Mosteiro S. Miguel de Refojos	40
Fig.9 – Antiga Antessacristia do Mosteiro S. Miguel de Refojos	40
Fig.10 – Mosteiro S. Miguel de Refojos	41
Fig.11 – Estátua “ O BASTO”	42
Fig.12 - Centro Hípico de Cabeceiras de Basto	43
Fig.13 – Centro de Educação Ambiental de Cabeceiras de Basto	44

## Introdução

A presente Prova de Aptidão Profissional é elaborada no âmbito do curso profissional Técnico Turismo, lecionado pela Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto.

Neste projeto irei realizar um Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto, onde também serão abordadas todas as informações sobre o mesmo, como por exemplo, o que é um itinerário turístico, as suas tipologias, como o elaborar, entre outros.

Este itinerário tem como finalidade divulgar Fafe, como local de interesse turístico, a nível ambiental, e fazer com que as pessoas adiram e fiquem a conhecer também a riqueza desta região.

É necessário apostar no Turismo pois é um caminho impulsionador do desenvolvimento de uma localidade, e Cabeceiras de Basto tem sem dúvida um grande potencial para tal, caracterizada pelas suas igrejas, as suas paisagens verdes, etc.

Cabeceiras de Basto é um concelho apelativo para quem queira passar uns dias de descanso, onde se desfrutar de todos os seus monumentos e todas as zonas ambientais. É também um concelho que para além de oferecer infra-estruturas básicas tem ao dispor de todos os programas que facilitam a vida dos habitantes.

Neste trabalho pretendo demonstrar todos os conhecimentos que adquiri ao longo destes anos (de 2010 a 2013).

## Capítulo I – Noção sobre Turismo e Animação

### 1. O Turismo

O Turismo é hoje uma realidade, completamente enraizada na sociedade e no mundo. Como actividade humana, o turismo é uma das áreas que tem atraído mais atenções e diferentes perspetivas. Hoje é um objeto de estudo interdisciplinar, motivando o interesse e desejo dos mais diversos setores de actividade. De facto, o turismo é tão amplo, tão complexo e tão multifacetado, que são necessárias diferentes abordagens para o estudar, cada uma delas adaptadas a uma tarefa ou objectivo diferente. O turismo aborda uma multidisciplinaridade de ciências ligadas à vida em sociedade. São diversos os ramos científicos que se associam ao turismo, tentando cruzar informação, de forma a estabelecer conceitos minimamente explicativos deste fenómeno natural. Existem inúmeras definições para turismo.

- Segundo o livro “O Turismo no Mundo” Turismo pode ser definido como a actividade ou as actividades económicas decorrentes das deslocações e permanências dos visitantes.
- Já com uma definição mais elaborada Walter Hunziker e Kurt Krapf, consideraram, em 1942, que turismo é “ o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora dos seus locais de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal”.
- Mathienson e Wall disseram em 1982, que turismo é “o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as actividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades”.
- Do ponto de vista da OMT (Organização Mundial de Turismo) turismo é “o conjunto das actividades por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros”.

### 1.1. O Turismo pela Oferta

O turismo para muitas regiões, é visto como uma tábua de salvação, uma grande oportunidade para alcançar o desenvolvimento desejado. No entanto, esta interacção só resulta caso existam vantagens planeadas e devidamente consideradas, para todos os intervenientes no processo. O turismo cria uma relação, a vários níveis, entre a comunidade visitada e os visitantes que a procuram. Neste processo e nesta relação, deve-se ter em conta os impactos sofridos pelas comunidades acolhedoras, pois **“O turismo só deve ser encorajado na medida em que proporcionar à população hospedeira uma vantagem de ordem económica, antes de tudo, sob a forma de lucros e empregos – que a mesma terá desejado, onde esta vantagem seja de natureza duradoura e não traga prejuízos aos outros aspectos da qualidade de vida. As implicações de um projecto (custos e benefícios económicos, compatibilidades sociais e ecológicas) devem ser bem esclarecidas antes da execução.”** (Krippendorf, 1989, p186).

**Segundo o mesmo autor, a oferta assenta em cinco elementos essenciais:**

- Os Destinos, constituídos pelas localidades turísticas que dispõem de atracções susceptíveis de originarem a deslocação das pessoas;
- Os Transportes, componente que garante a ligação entre a residência local e o local de destino;
- A Promoção e Informação, formada pelo conjunto de actividades, iniciativa e acções capazes de influenciar a tomada de decisão;
- As Empresas e Serviços Turísticos, que inclui a produção de bens e prestação de serviços;
- As Organizações, entendidas como o conjunto de áreas de responsabilidade que visam garantir a funcionalidade do sistema: Estado, autarquias, organismos públicos e privados, etc.

## 1.2. O Turismo pela Procura

A procura turística assenta num conjunto de factores que actuam no sentido positivo ou negativo, contribuindo para o seu aumento ou para a sua diminuição. A estes factores dá-se o nome de determinantes, que exercem uma influência permanente de acordo com as tendências do mercado. Existem os factores estruturais “que definem a tendência a médio longo prazo e que se encontram ligados ao processo de crescimento económico e ao modo de vida inerente à industrialização.”; Existem os factores conjunturais “ligados à situação económica de cada país e definem, de um período curto para outro, o volume e o tipo de procura, a duração da permanência e os preços dos serviços turísticos.”; E existem os factores psico-sociológicos “que atuam permanentemente e têm um carácter dinâmico, mas, pertencem ao domínio irracional e do inconsciente, é difícil quantificar o seu poder de influência sobre a procura turística.” (Cunha, 1997, p132).

## 2. A Animação

A palavra Animação, deriva do Latim Anima, que significa, dar alma, animar a alma. “A animação é a vida, é a acção que permite dar à vida mais vida, para facilitar o desenrolar da vida, para facilitar os desafios crescentes da vida.” (Ambles, 1974, citado em Quintas y Castaño, 1998, p31). Numa sociedade cada vez mais ocupada e stressada, “Animação, é dar sentido a uma vida cheia de compromissos sociais e profissionais, para um maior conhecimento das culturas locais, fugindo à rotina das obrigações.” (Simpson, 1984, citado em Quintas y Castaño, 1998, p31). Por vezes, em situações da vida difíceis, recorre-se à animação, pois “Animar é dar vida à vida ou fazer reviver alguma parte perdida.” (Moulinier, 1974, citado em Quintas y Castaño, 1998, p31).

### 2.1. Animação Turística

O conceito de animação turística, não deve ser identificado apenas como o conjunto de metodologias dirigidas a intervir a favor dos vários aspetos do fenómeno turismo, mas deve ser considerado como um momento da sociedade, que cresce e se desenvolve e na qual as variações conduzem automaticamente à mudança dos comportamentos do indivíduo.

### 3. Definição de Turista

A palavra turista começou a ser utilizada no início do século XIX, esta expressão era utilizada exclusivamente para designar apenas aqueles que viajavam por prazer, mas hoje já tem um sentido mais amplo.

- Segundo Licínio Cunha ser turista é todo o visitante que passa pelo menos uma noite num estabelecimento de alojamento coletivo ou num alojamento privado no local visitado.
- No ponto de vista da ONU turista é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas.

O turista é fundamental e determinante para o desenvolvimento das atividades de recreação, traduzidas no turismo pela animação. (MacCannell, 1989, p104). A mudança de atitude do turista, fez com que o novo turismo alterasse a sua oferta, dando mais valor às atividades de animação e inclusive ao papel do animador.

A importância das actividades físicas, para o bem-estar das pessoas, é fundamental nesta sociedade industrializada. As atividades de lazer e recreação, podem servir como forma de prevenção para muitas doenças profissionais.

### 4. Contexto Cultural do Lazer

Existem muitas formas de definir o Lazer, sendo um conceito muito ambíguo, não se pode de todo deixar de incluir no quadro dos seus conceitos, quer de uma forma separada quer na integralidade do seu conteúdo, as dimensões do tempo e da atividade.

Muitos definem o lazer atendendo ao seu carácter temporal, considerando as vinte e quatro horas do dia e subtraindo delas os períodos que não são de lazer: trabalho, sono, alimentação e as necessidades fisiológicas. Segundo o dicionário de sociologia, lazer é “... **todo o tempo excedente ao tempo devotado ao trabalho, sono, alimentação, atendimento e outras necessidades fisiológicas.**” (Fairchild, 1944).

Mas existem definições de lazer, que não insistem essencialmente em períodos de tempo mas na qualidade das actividades realizadas. **“O lazer é uma atitude mental e espiritual, não é simplesmente o resultado de factores externos, não é o resultado inevitável do tempo de folga, um feriado, um fim-de-semana ou um período de férias. É uma atitude de espírito, uma condição da alma...”** (Pieper, 1952). Para este católico, o lazer é uma atitude de espírito, ligado ao prazer de fazer e aos valores e refinamentos artísticos. Da mesma forma, Touraine (1974), concebe o lazer, como liberdade de regras e de modelos de comportamento, aceites ou socialmente impostos.

Do ponto de vista sociológico, lazer é o tempo livre de trabalho e outro tipo de obrigações, englobando actividades caracterizadas por um volume considerável do factor liberdade, mas liberdade do poder fazer, sem ter que obedecer ou responder. **“Lazer é uma série de ocupações com as quais o indivíduo pode comprazer-se de livre e espontânea vontade, quer para descansar, divertir-se, enriquecer os seus conhecimentos ou aprimorar as suas habilidades, quer para aumentar a sua participação na vida comunitária.”** (Dumazedier, 1960).

Assim, de acordo com Dumazedier (1979), o lazer não se resume só ao tempo extra-profissional, sendo apenas uma parte deste, uma vez que integra igualmente o tempo de trabalho doméstico e familiar. **“O lazer não se reduz apenas ao tempo libertado pelo progresso económico e pela reivindicação social. Ele é também uma criação histórica, nascida da mudança dos controles institucionais e das exigências individuais.”** (Dumazedier, 1967).

A sociologia do lazer recusa a confusão entre lazer e tempo livre.

O tempo livre é o tempo orientado prioritariamente para a satisfação pessoal, e apenas as actividades orientadas para a expressão pessoal, quaisquer que sejam as suas condicionantes sociais, dizem respeito ao lazer.

## 5. Contexto Social do Recreio

No seu sentido literal, o Recreio, pode ser visto como uma das funções do lazer, a de renovar o ego ou de preparar para o trabalho. A palavra Recreio, deriva do Latim *Recreare*, que significa “*fazer brotar de novo*”. O dicionário diz que recreio é o “*Lugar onde as pessoas se recreiam*”, a recreação é o “*Acto ou efeito de recrear ou recrear-se*”, e recrear é “*Divertir-se, causar prazer, folgar, deleitar-se, ...*” (Costa, 1996, p5).

Assim, o recreio pode ser considerado como uma extensão do lazer, é a consequência do tempo disponível, após satisfeitas as necessidades do trabalho, com um conjunto de oportunidades, naturais ou construídas, capazes de motivar a experimentação, obtendo o prazer como resultado.

### *Educar e Sensibilizar para a prática do turismo*

É necessário sensibilizar as pessoas para a boa prática turística.

Existem condutas que é preciso respeitar para que o espaço se conserve em bom estado e para que gerações vindouras possam igualmente usufruir do património local, cujo objectivo é a disseminação do conhecimento sobre o ambiente, a fim de ajudar à sua preservação e utilização sustentável dos seus recursos.

Este tipo de educação é o processo de reconhecimento de valores e clarificações de conceitos, objectivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, entre as suas culturas e entre os meios biofísicos.

Também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética, que conduzem para a melhora da qualidade de vida. Trata-se de um processo pedagógico participativo permanente para incutir uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, estendendo-se á sociedade a capacidade de captar a génese e a evolução dos problemas ambientais. O técnico de turismo também é um educador, tem de transmitir a ideia de que o território é algo que se tem de preservar.

## Capítulo II - Organização de um Itinerário Turístico

### 2. Definições Gerais

Um itinerário pode ser muitas vezes confundido com outros termos, com um circuito, com uma visita, com uma rota ou com um *Forfait*, para que tal não aconteça neste trabalho irei dizer qual a definição de cada uma delas, segundo o manual de Turismo – Informação e Animação Turística:

**Itinerário** é a descrição de um caminho ou de uma rota especificando os lugares de passagem e propondo uma serie de atividades e serviços durante a sua duração. Esta definição pode englobar Circuito, Visita e Rota (Gomez e Quijano).

**Circuito** é aquela viagem que intervém de vários serviços, como por exemplo, transporte, alojamento, guia..., que se realiza de acordo com um itinerário programado e com um desenho circular sempre que seja possível (o ponto de partida e de chegada serão coincidentes), de modo a que se passe por um caminho anteriormente percorrido.

Resumidamente, é um conjunto de caminhos e visitas que se complementam constituindo um itinerário fechado, que tem inicio e término no mesmo local.

**Visita** pode ser definida como o reconhecimento, exame ou inspeção de um lugar de paragem incluído num itinerário. A visita representa cada uma das paragens que compõem um itinerário.

**Rota** pode ser considerada um sinónimo de itinerário, embora a rota esteja associada a uma direção, a um percurso dirigido, e a saída e chegada não são coincidentes no mesmo ponto. Relativamente ao conceito de roteiro está quase sempre associado a uma descrição, mais ou menos exaustiva, dos aspetos mais relevantes da viagem e, particularmente, dos principais locais de interesse turísticos.

**Forfait** nome técnico utilizado para um tipo de itinerário organizado cujo preço inclui todos os serviços. Dentro deste podemos distinguir *forfait* para a oferta – viagens programadas para serem posteriormente vendidas pelos retalhistas – e *forfait* para a procura – viagens organizadas à medida do cliente (Gomez e Quijano).

### 3. Tipos de Itinerários Turísticos

Os itinerários turísticos podem ser classificados segundo a motivação subjacente, segundo o tipo de produto turístico, ou segundo o tipo de transporte utilizado.

#### 1. Itinerários Segundo o Produto Turísticos

##### A) Desportivos

Este é o tipo de itinerário cada vez mais procurado. Neste tipo de itinerários podemos incluir o turista passivo, isto é, o turista espectador de eventos desportivos, por exemplo dos Jogos Olímpicos, ou o turista activo que é sem dúvida o segmento mais importante neste tipo de itinerários.

##### B) Culturais

A motivação cultural é das mais importantes motivações associadas ao turismo, este tipo de itinerários baseiam-se nas especificidades de cada região. Este tipo de itinerários deve ser referido tudo aquilo que a torna diferente de todas as outras. Dentro deste grande grupo podemos então distinguir:

- **Históricos:** podem-se encontrar fios condutores que dão origem a rotas interessantes, recorrendo a lugares frequentados por pessoas de reconhecido valor, evocando personalidades e revivendo as respetivas épocas históricas.
- **Literários:** rotas que tenham por base alguma personagem – escritor, poeta ou corrente literária concreta.
- **Artísticos:** a arte atrai muitas pessoas. É possível, por exemplo, unir monumentos do mesmo estilo que permitam dar uma ideia global do mesmo.
- **Folclore:** representações folclóricas, festivais, festas, jogos populares, bailes e festas tradicionais.
- **Artesanato:** as artes e ofícios tradicionais podem ser o fio condutor na conceção de uma rota.
- **Gastronómicos:** baseados nas tradições gastronómicas de cada região, este tipo de itinerário salienta os pratos típicos e produtos alimentares de cada região assim como os vinhos.

- **Arquitetura Popular:** suscita um grande interesse as formas e modos de viver de cada região, reflectidos nas construções e conjuntos de edifícios mais representativos.
- **Educacionais:** nesta categoria estão incluídas todas as viagens organizadas com objectivo de aprender sobre uma temática relacionada com conteúdos curriculares e/ou questões profissionais.

### **C) Ecológicos ou de Natureza**

Este tipo de itinerário tem um interesse crescente para as pessoas das grandes cidades, pelo seu ritmo da vida moderna. O objectivo deste tipo de itinerários é proporcionar os participantes a usufruir e ter um contacto com a natureza e valores do património natural.

### **D) Religiosos**

A religião foi uma das primeiras motivações de viagem, e ainda nos dias de hoje continua a motivar um grande número de pessoas a viajar para locais relacionados com as manifestações religiosas e locais de culto religioso.

### **E) Turismo de Saúde**

Este tipo de itinerários está mais relacionado com termas e os equipamentos associados como também locais relacionados com climatismo e a talassoterapia.

### **F) De Aventura**

Procura cada vez mais emoções e novas experiências, os itinerários baseados na aventura procuram ser alternativas em tónica está nas actividades propostas e na respectiva “intensidade de emoções”. Os desportos radicais estão relacionados com este tipo de itinerários, com uma grande variedade de modalidades, nos quais se destacam: parapente, *trekking*, pára-quedismo, *rafting*, escalada, rotas de todo o terreno, etc.

### **G) Turismo Social**

Pretende criar condições necessárias para que os sectores da população, que por razões económicas ou por falta de hábito, educação ou informação, têm permanecido até ao momento fora do movimento turísticos tenham assim acesso ao turismo.

## **H) De Férias ou de Lazer**

O itinerário de férias ou de lazer não tem uma motivação específica. Tem como objetivo sair do ambiente habitual, descansar e recuperar forças durante o período de férias.

## **2. Itinerários Segundo o Meio de Transporte**

Cada meio de transporte tem um estilo de viagem diferente. Os mais utilizados são o autocarro e o avião, o autocarro pela sua flexibilidade e mobilidade, já o avião pela sua velocidade e conforto. O comboio e o barco já têm uma conotação mais romântica dado que são mais antigos, e têm uma originalidade e autenticidade. Já o automóvel também tem a sua importância, principalmente quando falamos de “Auto Férias”.

### **A) De Autocarro**

*As formas de autocarro que existem são:*

- Os circuitos fechados (Round Trip): aqueles que realizam a viagem completa no autocarro, isto é, ida e volta.
- Os serviços de lançadeira (Back to Back): que são utilizados por vários serviços. Quando um autocarro leva um grupo de clientes que iniciam as suas férias pode regressar com outro que as está a acabar permitindo que o autocarro tenha uma utilização mais eficaz reduzindo por isso os custos.

### **B) Alternativos**

Como cada vez mais se procuram novas experiências e novas emoções, este tipo de meio de transporte estão a ser cada vez mais utilizados, para cativar novos públicos oferecendo produtos inovadores. Estamos a referir-nos, por exemplo de itinerários realizados em bicicleta, em veículos todo o terreno, em cavalos, balão, submarinos, a pé, etc.

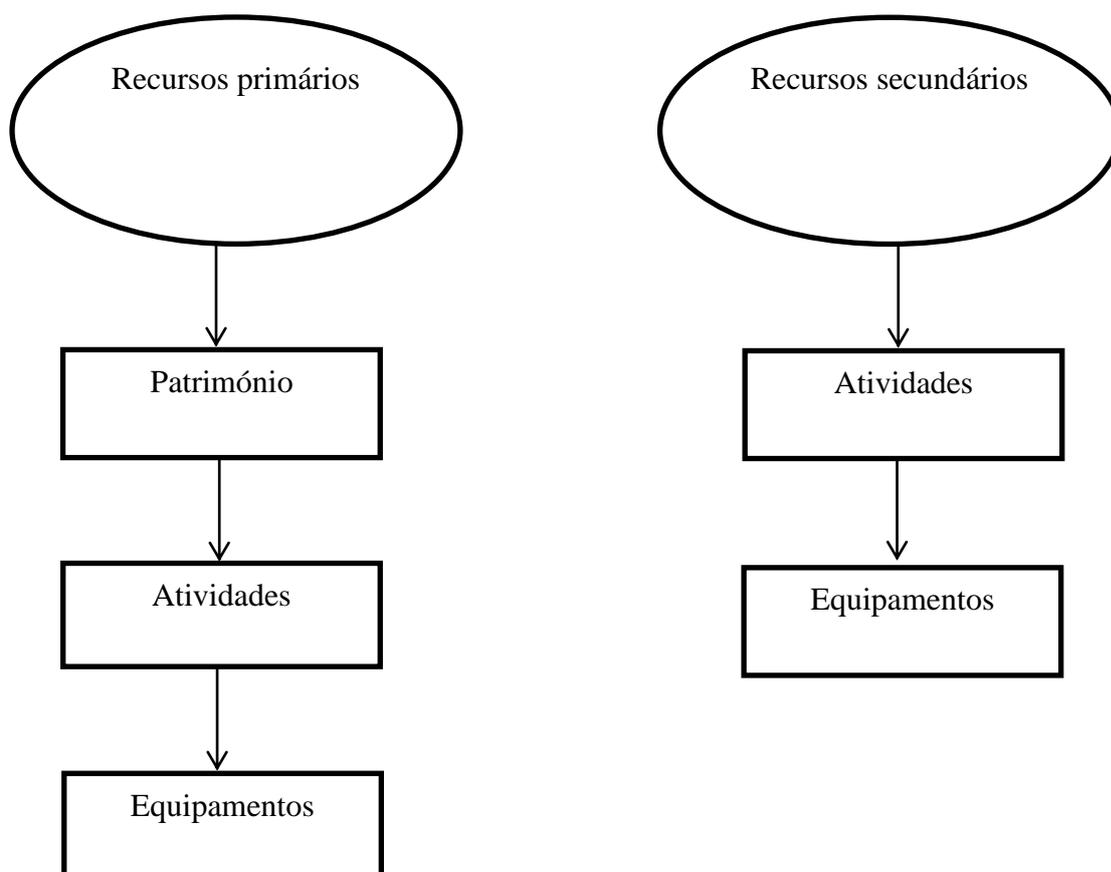
## 4. Recursos Afetos à Conceção dos Itinerários

### Recursos Turísticos

- O Recurso Turístico foi definido no Plano Nacional de Turismo de 1986-1989 como “todo o elemento natural, atividade humana ou seu produto, capaz de motivar a deslocação de pessoas ou de ocupar os seus tempos livres”.

### Classificação dos recursos turísticos

Fig.1



Fonte: DGT/Esquema adaptado

## Outros Recursos

Os recursos turísticos não são suficientes para a construção de um itinerário, é necessário contar com outros, como, recursos humanos, financeiros, técnico matérias, informação, ...

### **A. Recursos Humanos:**

- Coordenadores da actividade;
- Guia-intérprete;
- Monitores;
- Motoristas.

### **B. Recursos Financeiros:**

- Fundo da própria empresa;
- Venda de bilhetes (gerais ou por actividade);
- Partilhação de entidades locais, regionais, nacionais;
- Partilhação dos participantes;
- Patrocínios.

### **C. Recursos Técnico – Materiais:**

- Material áudio – visual;
- Material para a prática de desporto;
- Cartas topográficas;
- Fotografias;
- Bússola;
- *Kits*.

### **D. Recursos da Informação:**

Ao construir um percurso é necessário ter em conta alguns fatores que interatuam o espaço, tais como, clima, relevo, fauna, flora, monumentos, etnografia, artes, ...

A informação é um apoio fundamental para a organização de itinerários/circuitos.

Ao visitar um local a entidade organizadora precisa de conhecer bem o espaço a ser visitado, sendo assim necessário vários recursos de informação que passo a indicar:

- Mapas;
- Guias de alojamento dos locais a visitas;
- Tarifas dos meios de alojamento;
- Manuais de transporte, tarifas; horários;
- Tarifas de museus, monumentos, espetáculos, etc;
- Guias/ roteiros turísticos dos locais a visitar;
- Agendas culturais dos locais a visitar
- CD Rom's;
- Vídeos;
- Visitas ao local.

Para seleccionar a área de implementação de um percurso de interpretação é necessário analisar algumas características que poderão constituir fatores limitadores ou valorizadores do mesmo.

Critérios possíveis para avaliar a aptidão de uma área
Diversidade
Representatividade
Elementos carismáticos
Aspectos de viabilidade
Posse/Acesso
Segurança
Acessibilidade
Vulnerabilidade

Fonte: Manual do Turismo

## A organização de Itinerários

A elaboração e realização de um itinerário turístico são o resultado de um longo processo de estudo e análise de possibilidades e de conhecimento prévio de dados.

O público-alvo é o que vai determinar as várias opções bem como os serviços e actividades incluída, e a metodologia vai depender desse público.

Interessa pois distinguir a metodologia utilizada que se trate de um *forfait* para a procura (viagem por medida), onde é possível saber, com algum rigor, as necessidades do cliente e, por isso, todos os serviços são direccionados nesse sentido, ou então se trate de um *forfait* para a oferta (viagem organizada), neste caso trata-se de conceber e desenvolver um produto que será posteriormente comercializado pelos canais de distribuição habituais e que será dirigido a um público mais ou menos alargado.

Em ambos os casos, a organização da viagem exige profissionais especializados.

Embora a metodologia de concepção seja genericamente a mesma, importa salientar que, em termos logísticos, uma viagem organizada (ou *forfait* para a oferta) é bastante mais complexo pela necessidade de planeamento e estudos prévios que exige uma vez que não se conhece de antemão as necessidades do público-alvo.

Importa, ainda, referir a importância da realização de itinerários no aproveitamento dos recursos de uma região no sentido de operacionalizar um conjunto de percursos culturais e turísticos que, em conjunto, constituam uma apresentação razoável do património e recursos da região. Este é um dos objetivos da realização de itinerários / circuitos / rotas feitas em parceria com instituições do sector público e privado do turismo.

Neste caso, a metodologia é orientada por objetivos muito específicos e por isso deve envolver as seguintes etapas:

- Identificação dos objectivos de elaboração do circuito;
- Identificação do mercado - alvo;
- Determinação das vantagens para o desenvolvimento da região, nomeadamente do sector turístico;
- Caracterização da região a vários níveis (económico, social, físico, turístico, etc.);
- Caracterização e análise da oferta e procura turística da região (cruzamento de dados previamente levantados e análise SWOT);
- Selecção dos elementos / atractivos que irão integrar o circuito e definição da temática, de acordo com o mercado - alvo;

- Elaboração das várias cartas de infra-estruturas (representação a cores dos vários recursos);
- Análise da carta de oferta (quantidade, qualidade, diversidade de recursos e respectiva distribuição espacial);
- Pesquisa no local (acessibilidade, disponibilidade, segurança, interesse, pedagogia, etc.);
- Definição e determinação das necessidades de intervenção ao nível das infra-estruturas e atividades (animação, etc.);
- Determinação do circuito principal e, eventualmente, de outros complementares (dependendo do interesse da oferta e do mercado);
- Determinação do Preço do Circuito
- Definição da estratégia de marketing (Política dos 4 P's):
  - **Produto:** desenho e descrição do circuito principal e complementar (fontes documentais, lendas e tradições, meios de transporte, acessibilidades, etc.)
  - **Preço:** circuito, transporte, alojamento e restauração
  - **Distribuição:** locais e mercados a atingir
  - **Promoção:** operadores, logótipo, sinalização, etc.
- Concretização do Itinerário
- Monitorização

De seguida enunciam-se algumas considerações gerais que devem ser tidas em conta na conceção de um itinerário:

- Evitar etapas quilométricas demasiado longas e seguidas;
- Não introduzir excessivo número de pontos de paragem com interesse, que podem sobrecarregar a etapa. Cada paragem exige normalmente um mínimo de 5 a 20 minutos, entre descida, subida e atividade, havendo sempre o risco de falta de pontualidade;
- Não ajustar excessivamente o tempo deixando margens para imprevistos;
- Ter em conta os horários dos monumentos e museus, bem como de outros locais a visitar;
- Os almoços em rota para grupo devem ser programados entre as 12 e as 14 horas;

- Ter em conta o dia da semana que corresponde a cada dia da viagem e prever as atividades de acordo com isso;
- Confirmar os horários dos diferentes serviços utilizados, os trâmites assim como o tempo necessário;
- Ter em atenção os tempos médios das distâncias a percorrer. A título indicativo sugere-se a seguinte tabela:

Meio de Transporte	Distância por (Kms/h)
<b>Bicicleta</b>	15 Kms/h
<b>Automóvel</b>	Em circuito urbano: 50 Kms/h Em via rápida: 90 Kms/h Em auto-estrada: 100 Kms/h
<b>Comboio</b>	Em circuito urbano: 30 a 50 Kms/h Em via rápida: 80 a 90 Kms/h Em auto-estrada: 150 Kms/h
<b>A pé</b>	5 Kms/h

Fonte: Construção própria com base no manual de TIAT

#### 4.1. Identificação do Traçado do Itinerário

Desenhado o produto, tem que se estabelecer a sua distribuição no tempo, isto é, as suas etapas de desenvolvimento, fazendo uma divisão inicial das datas disponíveis que sirvam de esboço inicial para o itinerário final e estabelecendo, dia a dia, os serviços que se vão prestar.

Este projeto requer uma elaboração pormenorizada e cuidada, tendo sempre em conta as distâncias a percorrer, assim como os meios de transportes a utilizar, para que haja uma relação lógica entre a distância percorrida e o tempo gasto.

Para que tudo seja visto ao pormenor é necessário a consulta de mapas atualizados que permitam definir com rigor os pontos de passagem e o tempo gasto.

Sempre que possível, o itinerário deve ser testado, de preferência nos mesmos dias e às mesmas horas identificadas no projecto de itinerário.

## 4.2. Logística

De forma a resumir o anteriormente exposto, poderemos aqui estabelecer alguns parâmetros essenciais para a elaboração dos itinerários:

Fazes da Organização de um Itinerário	
Preparação (Antes de)	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Planeamento</li> <li>➤ Desenho</li> <li>➤ Organização</li> <li>➤ Reservas</li> <li>➤ Comercialização</li> <li>➤ Venda</li> </ul>
Desenvolvimento (Durante)	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Acompanhamento pelo guia</li> </ul>
Análise (Após)	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Analisar o modo como decorreu</li> <li>➤ Estudo da satisfação do cliente</li> <li>➤ Análise do desvio de custos</li> <li>➤ Resultados económicos da viagem</li> </ul>

Fonte: construção própria com base no manual de TIAT

### Motivos da Viagem:

- Férias
- Deporto
- Cultura
- Ecologia
- Saúde
- Religião
- Profissão e/ou negócios
- Lazer organizado
- Turismo alternativo
- Turismo Social

Factores Técnicos	
Meios de deslocação	Itinerários pedestres, de autocarro, de avião, barco, etc.
Duração	De 3, 7, 15 dias ou de meses.
Distâncias	Curtas, médias ou grandes distâncias.
Modo de viajar	Individual, colectivo, pré-organizado ou feito à medida do cliente.
Época do ano	Sazonais, calendário fixo, acontecimentos especiais.

Factores sociais	
Meio Social	O modo de vida e condições económicas.
Origem Geográfica	A procura de um meio geográfico diferente do seu quotidiano.
Profissão	Indicador dos gostos e potencial económico.
Idade	Essencial para avaliar os interesses e capacidade física.
Cultura	Para ajudar na selecção e apresentação do itinerário.

Factores Comerciais	
Equipamentos da região receptora	Alojamento e atrativos principais e secundários.
Preços nas zonas a visitar	Alojamento e atrativos principais e secundários.
Possíveis vantagens para os clientes	Incentivos específicos: preço do combustível mais reduzido em determinado país, isenção de impostos (zonas francas).

Inventário dos Recursos Naturais	
A paisagem e seus componentes	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Geologia</li> <li>➤ Clima</li> <li>➤ Relevo</li> <li>➤ Hidrografia</li> <li>➤ Fauna</li> <li>➤ Flora</li> </ul>

Inventário dos Recursos Humanos	
Atractivos Históricos	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ História</li> <li>➤ Arte</li> <li>➤ Tradições</li> <li>➤ Folclore</li> </ul>
Atractivos Contemporâneos	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Actualidade</li> <li>➤ Ciência e Técnica</li> <li>➤ Artesanato</li> <li>➤ Gastronomia</li> <li>➤ Celebidades</li> </ul>

Inventário dos Recursos Turísticos	
Equipamentos Recreativos	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Atrações artificiais</li> <li>➤ Parques recreativos</li> </ul>
Manifestações Culturais	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Festivais</li> <li>➤ Exposições de Arte</li> <li>➤ Som e Luz</li> <li>➤ Festividades</li> </ul>
Manifestações Desportivas e Comerciais	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Competições</li> <li>➤ Torneios</li> <li>➤ Feiras e Salões</li> </ul>

Fonte: Construção própria com base no manual de TIAT

### **Inventário de Alojamento:**

- Deve-se considerar:
  - N° de participantes;
  - A nacionalidade e hábitos dos turistas;
  - A idade dos participantes
  - A relação qualidade / preço
  
- Selecção da categoria em função do segmento de mercado:
  - A quem se dirige este produto?
  - Ou quem está actualmente a comprar circuitos?

### **Nota:**

É conveniente ter atenção à localização do hotel, facilidade de acesso, serviços complementares.

Com o itinerário elaborado, o produto está pronto para ser vendido e, a partir daqui, começa outra fase muito importante: a elaboração do projecto de viagem que se vai apresentar ao cliente. Esta é também uma fase crucial, uma vez que o que se pretende vender é um produto intangível que vai chegar ao cliente através desse programa ou folheto.

No caso das viagens à medida deve ser apresentado ao cliente um programa do itinerário, isto é, uma relação detalhada e ordenada do projeto da viagem, em que devem constar os seguintes dados:

. Itinerário exato por cada dia (onde são indicados os locais de passagem e os de paragem) e os serviços incluídos no preço. Importa aqui referir que a indicação dos *timings* não deve ser demasiado rigorosa já que poderia dar azo a eventuais reclamações pois surgem frequentemente imprevistos que contrariam o imprevisto.

.O plano de transporte (indicando horários de saída e chegada e meios utilizados).

. O plano de alojamento (indicando os hotéis seleccionados e sua categoria).

. O regime alimentar e serviços adicionais (*transfers*, visitas à cidade, etc).

A apresentação deste documento deve ser muito cuidadosa e atrativa. Sempre que possível, deve ser apresentado e explicado pessoalmente ao cliente para que se possam esclarecer todas as dúvidas e eventualmente fazer alguma alteração.

No que se refere às viagens organizadas, isto é, para a oferta têm as mesmas características básicas de elaboração, com a diferença de que nestas os dados anteriores aparecem num folheto publicitário que tenta chegar a uma procura potencial, não real e que tem formas de distribuição específicas, como já foi referido.

Por isso, a apresentação obedece a critérios específicos devendo conter, além dos distintos itinerários, fotografias e informação geral sobre o destino em causa.

## Capítulo III – Caso Prático:

### Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto

#### 3.1. História de Cabeceiras de Basto

Entre as serranias da Cabreira e do Marão, num extenso vale que ocupa mais de 18km no sentido mais longo e 8km de largo, mesmo à margem do Rio Tâmega, encontra-se Cabeceiras de Basto, um dos mais antigos e históricos concelhos do Minho. Cabeceiras de Basto é uma terra antiga e por isso uma terra sábia. Uma terra que soube preservar a paisagem na qual convivem o Minho e Trás-os-Montes. Com Riquezas de um lado, riquezas do outro, este concelho apresenta um vasto património paisagístico e arquitectónico, cunhado pelas marcas, pelos saberes e sabores tradicionais, testemunhos de um povo e do seu modus vivendi. Integrado nas Terras de Basto, pequena sub-região com características individualizantes e próprias, outrora uma vasta circunscrição administrativa na bacia média do Tâmega, já em 1258 estava organizada com três julgados: o de Cabeceiras de Basto, o de Celorico de Basto e o de Amarante. Este último, quase limitado á sua Vila e a Telões, onde se haviam implantado vários mosteiros e uma importante fidalguia medieval. Em 1220 esta circunscrição compreendia ainda Mondim de Basto, algumas localidades dos concelhos de Amarante e Felgueiras, Ribeira de Pena e Vieira do Minho. Atualmente abrange uma área territorial de 239km<sup>2</sup> por onde se espalham 17 freguesias com uma população de cerca de 18 mil habitantes. Mas a história do concelho perde-se no tempo. Apesar de da pouca informação existente sobre o seu primitivo povoamento, vários achados arqueológicos permitem dizer, com convicção, que Cabeceiras de Basto remonta a um período anterior a Cristo, nomeadamente a épocas pré-românicas, senão antes, pela existência de vestígios castrenses e construções dolménicas. Também a arqueologia, nos desvenda outras informações através das ruínas do Mosteiro de St.<sup>a</sup> Comba, onde se supõe terá existido, um tempo de vestais. Os objetos de cerâmica e inscrições achadas, as estátuas de guerreiros e as moedas de prata e bronze com as efígies de Augusto, Galliano e Constantino dão força á tese da existência da povoação no tempo dos romanos.

A própria etimologia de Cabeceiras de Basto, apesar de controversa, leva-nos a crer que o primeiro povo que deu o nome à região foram os Bastos (Bástulos ou bastianos) que, oriundos da Andaluzia, passaram por esta bela província de Entre Douro e Minho e fundaram uma cidade chamada Basto, que se localizava próxima do Mosteiro de Santa Senhorinha, cuja presença árabe nestas terras, se encarregou de destruir. Corria o ano de

711. Daí que, com Cabeceiras no sentido de cabeça destas antigas regiões e Basto de Bástulos, se explique a designação deste concelho. No entanto, entre o século XII e XVI, é praticamente inexistente a documentação escrita sobre Cabeceiras de Basto. Apesar de se tratar de uma povoação antiga, que gozava de grande prosperidade, como atesta o Mosteiro de S. Miguel de Refojos, outrora o mais rico do Minho, só em 1514 é que Cabeceiras vê criado o concelho, por Foral de D. Manuel I. Foi, igualmente, um importante centro de peregrinação na Idade Média. Por este motivo a ele se associaram nomes de santos, nobres e guerreiros como são o caso de Santa Senhorinha de Basto, D. Pedro, D. Inês de Castro, D. Nuno Álvares Pereira, que aqui casou em 1376. Aqui passaram, também, nomes de vulto ligados à literatura como Sá de Miranda com a obra “Carta a D. António Pereira”, senhor de Basto, Bernardim Ribeiro e Camilo Castelo Branco, com várias das suas obras a referirem Cabeceiras de Basto, nomeadamente, a “Bruxa de Monte Cordova” e “Noites de Lamego”. No entanto, além desta vertente cultural, quando percorremos o concelho de Cabeceiras de Basto deparamos com uma série de monumentos, alguns dos quais, de interesse nacional (como é o caso do Mosteiro de S. Miguel de Refojos e a Ponte de Cavez) e casas solarengas datadas, a maioria delas, dos séculos XVII, XVIII e XIX, que conferem à região um cunho ímpar e, simultaneamente, desvendam alguns dos segredos que a história guardou das gentes que por aqui passaram. Construção que, por montes e vales, vão pincelando este quadro de grande beleza, reflexos das marcas do tempo, das vivências dos povos que desde a antiguidade o elegeram para viver.



Figura 2  
Praça da Republica  
Fonte: Site Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto

### 3.1.1. Caracterização de Cabeceiras de Basto

Cabeceiras de Basto é um Concelho no Distrito de Braga, na região Norte e reparte-se em 17 freguesias: Abadim, Alvite, Arco de Baúlhe, Basto (Sta. Senhorinha), Bucos, Cabeceiras de Basto (S. Nicolau), Cavez, Faia, Gondães, Outeiro, Painzela, Passos, Pedraça, Refojos de Basto, Rio Douro, Vila Nune, Vilar de Cunhas.

O território do concelho ocupa actualmente uma área de cerca de 241 Km<sup>2</sup>, sendo rodeado pelos concelhos de Celorico e Mondim de Basto a Sul, Montalegre e Boticas a Norte, Vieira do Minho a Noroeste, Fafe a Poente e Ribeira de Pena a Nascente.

Tem como limites naturais, a Norte, as serras da Cabreira e Barroso, a Este, o rio Bessa, a Sul e Sudeste, em grande parte o rio Tâmega e a Oeste a Serra da Lameira.

Este Concelho tem uma área total de 241,8 Km<sup>2</sup> e uma população total de 17.775 habitantes.

O feriado municipal é dia 29 de Setembro.



Figura 3  
Bandeira de Cabeceiras de Basto



Figura 4  
Brasão de Cabeceiras de Basto

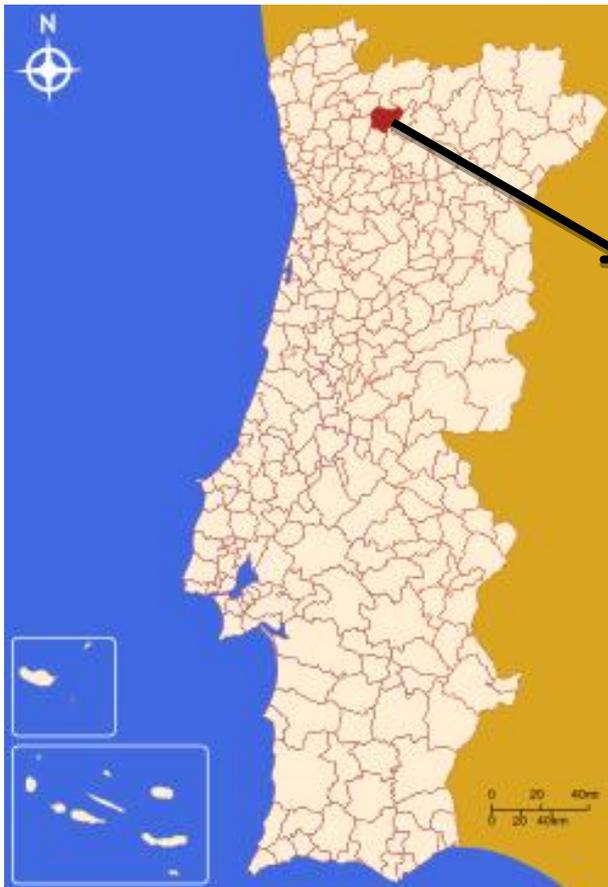


Figura 5  
 Localização do Concelho de Cabeceiras de Basto



Figura 6  
 Mapa de Cabeceiras de Basto

### 3.1.2. Núcleo Ferroviário do Arco de Baúlhe

O Núcleo Ferroviário encontra-se instalado na antiga estação ferroviária de Arco de Baúlhe, término da Linha do Tâmega. A estação foi inaugurada a 15 de Janeiro de 1949. Com o encerramento da linha do Tâmega entre Amarante e Arco de Baúlhe, em 1990, o espaço foi reconvertido no Núcleo Ferroviário do Museu das Terras de Basto. No ano de 2000, a REFER cedeu à Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto o espaço da estação e os seus edifícios, ficando esta responsável pela sua conservação, manutenção e gestão, em estreita colaboração com a Fundação Museu Nacional Ferroviário. O complexo da estação de Arco de Baúlhe é constituído: pelo edifício da estação propriamente dito, revestido com painéis azulejares executados, em 1940, por A. Lopes na Fábrica de Cerâmica Sant'Anna (Lisboa); pelo edifício destinado ao pessoal – a «casa dos maquinistas»; por um cais de carga e descarga de mercadorias com o respetivo armazém de despachos (espaço onde estão patentes exposições temporárias); por duas cocheiras (onde se expõe material circulante, com destaque para as duas carruagens-salão usadas pelo rei D. Carlos e a rainha D. Amélia na sua viagem às Pedras Salgadas, em 1907); por uma plataforma giratória, usada para proceder à inversão de marcha da locomotiva; por um depósito de carvão e um imponente depósito de água, bem como por uma «grua de abastecimento de locomotivas». Envolvendo estes edifícios, um cuidado jardim, que foi merecendo, ao longo dos anos, diversos prémios e menções honrosas.

No Núcleo Ferroviário de Arco de Baúlhe localiza-se o Centro de Documentação do Museu, onde se podem consultar livros, fotografias e periódicos relacionados com a história e a vida do concelho de Cabeceiras de Basto.



Figura 7  
Núcleo Ferroviário do Arco de  
Baúlhe

### 3.1.3. O Núcleo Museológico do Baixo Tâmega (Arte Sacra)

O Núcleo Museológico do Baixo Tâmega está localizado no Mosteiro S. Miguel de Refojos, mais concretamente na antiga sacristia e antessacristia deste edifício religioso. Foi inaugurado a 20 de Dezembro de 2008 e resultou de uma candidatura apresentada pela Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, no âmbito do Pacto Territorial do Baixo Tâmega, beneficiando de uma participação comunitária e assumindo a Câmara Municipal o pagamento da componente nacional. Este projeto contou ainda com a colaboração da Paróquia de Refojos de Basto. O Núcleo Museológico do Baixo Tâmega é constituído por uma variedade de acervos que vai da escultura de grandes e pequenas dimensões, aos vidros, têxteis, cerâmica, pintura, mobiliário litúrgico e outros. Entre as peças expostas nestes espaços destacamos um conjunto de cinco pinturas atribuídas ao pintor Francisco Correia e datadas de ca. De 1600.



Figura 8  
Antiga Sacristia do Mosteiro S.  
Miguel de Refojos



Figura 9  
Antiga antessacristia do Mosteiro S.  
Miguel de Refojos

### 3.1.4. Mosteiro S. Miguel de Refojos

O Mosteiro de São Miguel de Refojos de Basto fica situado na freguesia de Refojos, em Cabeceiras de Basto, Portugal. O primeiro documento relativo ao Mosteiro data de 1122. D. Afonso Henriques em 1131 concede carta de couto ao mosteiro. As obras do actual mosteiro tiveram início em 1755, sendo acordadas entre o arquiteto bracarense André Soares e o abade Frei Francisco de S. José. Com o aproximar do fim das obras deu-se a chegada ao mosteiro de Frei José de Santo António Vilaça, que ali trabalhou de 1764 a 1770. A fachada da igreja distingue-se pelas suas enormes dimensões, dos lados direito e esquerdo estão colocadas as estátuas em tamanho natural do fundador da Ordem de São Bento – São Bento de Núrcia, e de Santa Escolástica.



Figura 10  
Mosteiro S. Miguel de Refojos

### 3.1.5. O Basto

A estátua do “Basto”, na Praça da República, em Refojos, sede do Concelho de Cabeceiras de Basto é um dos monumentos mais curiosos do Concelho. Representa um guerreiro lusitano e é uma das várias estátuas jacentes que apareceram na Galiza e eram colocadas sobre as sepulturas de alguns desses guerreiros heróis e endeusados. As que existem estão guardadas em museus, à excepção do “Basto” e da estátua de Santa Comba, também na freguesia de Refojos, que se encontram ao ar livre. Estes monumentos datam da época anterior à vinda dos Romanos, presumivelmente do século I a. C. Talhada em granito, de arte rude e forte compleição física, à semelhança de todas as outras, veste túnica ou sagum, cingida por cinturão de onde pendem embainhados o punhal e a espada. O escudo, pequeno e redondo, é centrado no abdómen. A estátua do “Basto” não se encontra hoje como foi primitivamente. Foi modificada, primeiro em 1612 e posteriormente em 1892. Acrescentaram-lhe uma cabeça com barretina e fartos bigodes (era uma estátua acéfala como a maior parte das existentes), calçaram-na com meias e botas, pintaram-na e no peito e no escudo gravaram-lhe uma legenda: *"PONTE DE S. MIGUEL DE REFOYOS 1612"*. Actualmente “O Basto” perdeu muito da sua simbologia primitiva, personificando a “raça” das gentes da região, a sua alma e as suas tradições. É nele que os habitantes de Cabeceiras revêem a sua coragem e a sua honradez. Daí o nascimento de uma lenda que, na actualidade, lhe está indelevelmente ligada e com a qual o povo “explica” o nome da região.



Figura 11  
Estátua O Basto

### 3.1.6. Centro Hípico

Este equipamento público, único na região, dispõe de um picadeiro interior para ensino e treino de volteio, um campo de saltos com obstáculos e condições para o equitador, instalações sanitárias, balneários e catorze boxes destinadas a acolher vários equídeos, sejam de raça garrana ou lusitana. O Centro Hípico dispõe ainda de um bar de apoio e um restaurante, tendo ótimas condições para a realização de atividades e multifunções, tão diversas como a escola de equitação, desbaste e ensino de cavalos, alojamento, estágios, eventos equestres, provas e eventos culturais que certamente contribuirão para a promoção do turismo neste concelho.



Figura 12  
Centro Hípico de Cabeceiras de Basto

### 3.1.7. Centro de Educação Ambiental de Vinha de Mouros

Possui uma área florestal muito rica que se estende desde a vila até Ranha e a Gragilde, em Painzela, onde existem espécies vegetais de grande valor, a que se juntou um conjunto variado de animais da fauna local. Do complexo fazem também parte alguns equipamentos desportivos e de lazer: parque infantil, parque de merendas, minigolfe, circuito de manutenção e polidesportivo ao ar livre.



Figura 13  
Centro de Educação Ambiental de  
Cabeceiras de Basto

## 3.2. Itinerário Turístico por Cabeceiras de Basto

Este itinerário vai realizar-se no dia 16 de Agosto para um grupo de 15 pessoas, entre os 40 e 50 anos, de nacionalidade Portuguesa. Realizei também um folheto com a informação sobre o itinerário turístico, que estará no Posto de Turismo disponível para o público interessado. (**Anexo A**)

08H15 – Saída do Posto de Turismo

08h30 – Visita ao Núcleo Ferroviário do Arco de Baúlhe

10h00 – Ver a estátua O Basto

10h45 – Pequeno-almoço no parque de merendas do Centro de Educação Ambiental de Vinha de Mouros

11h10 – Visita ao Centro de Educação Ambiental de Vinha de Mouros

12h30 – Almoço no Centro Hípico

14h30 – Visita ao Centro Hípico

16h00 – Visita ao Mosteiro S. Miguel de Refojos

17h30 – Visita ao Núcleo Museológico do Baixo Tâmega (Arte Sacra)

18h30 – Lanche no Centro de Educação Ambiental de Vinha de Mouros

Fim do Programa

### 3.2.1. Apresentação dos Cálculos

- Transporte: 5€ X 15 pax = 75€
  
- Restaurante: 7€ X 15 pax = 105€
  
- Visitas: 5€ X 15pax = 75€
  
- Total de todos os custos: 255€
  
- Preço por pessoa: 17€

### 3.2.2. Análise SWOT

O termo *SWOT* é uma sigla oriunda do idioma inglês que é Forças (*Strengths*), Fraquezas (*Weaknesses*), Oportunidades (*Opportunities*) e Ameaças (*Threats*).

Pontos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ótimos espaços de lazer;</li> <li>➤ Proximidade de cidade como Guimarães e Braga;</li> <li>➤ Situado numa região que conserva ainda fortes características rurais e com uma forte diversidade de recursos naturais e culturais;</li> <li>➤ Dispõe de um conjunto de atividades de lazer;</li> <li>➤ Qualidade nos serviços prestados.</li> </ul>
Pontos Fracos	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fraca promoção da Região;</li> <li>➤ Destino turístico muito pouco desenvolvido;</li> <li>➤ Falta de organização da oferta natural para fins turísticos;</li> <li>➤ Deficiente sinalética da Região.</li> </ul>
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Crescente divulgação da Região;</li> <li>➤ Maior interesse e sensibilização relativamente ao turismo mostrado pelas autarquias locais;</li> <li>➤ Aumento da procura de destinos que possibilitem o contacto com a natureza e ruralidade.</li> </ul>
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Falta de promoção e notoriedade do destino Cabeceiras de Basto;</li> <li>➤ Aumento das construções e desorganização urbanística;</li> </ul>

Fonte: Construção própria

### 3.2.3. Inquérito de Satisfação

Este inquérito de satisfação será direcionado aos participantes no itinerário que serão convidados a responder no final da atividade.

#### Inquérito de satisfação relativamente ao espaço envolvente

É para nós fundamental conhecer o grau de satisfação dos clientes quanto ao trabalho realizado, só assim podemos melhorar. Por isso solicitamos a sua colaboração no sentido de responderem de forma sincera a este inquérito.

#### Dados sobre a localização do Mosteiro

1. O espaço onde se situa o Mosteiro tem uma localização:

- ⇒ Boa
- ⇒ Razoável
- ⇒ Inacessível

2. O Mosteiro tem condições:

- ⇒ Adequadas
- ⇒ Razoáveis
- ⇒ Inadequadas

#### Dados sobre as condições dos espaços

3. O acesso à casa de banho é facilitado:

- ⇒ Sim
- ⇒ Às vezes
- ⇒ Não

4. O espaço exterior (recreio) é facilmente vigiado por um adulto/monitor:

- ⇒ Sim
- ⇒ Às vezes
- ⇒ Não

5. Os espaços estão organizados/ arrumados:

⇒ Sim

⇒ Às vezes

⇒ Não

### Comentários e Sugestões

---

---

---

---

## Conclusão

Com a realização deste projeto tive oportunidade de verificar as seguintes situações:

Cabeceiras de Basto é um excelente concelho, com muito para oferecer aos seus turistas, especialmente espaços verdes, monumentos, e história.

Este projecto foi muito enriquecedor também para mim, porque aumentei o meu conhecimento sobre o meu concelho e consegui aplicar todos os conhecimentos que adquiri ao longo destes três anos de estudo.

Este itinerário turístico irá ajudar na divulgação/promoção deste concelho, pois com ele pretendo que as pessoas usufruam deste para que aprofundem o conhecimento sobre o mesmo.

Cabeceiras de Basto tem muito mais para oferecer do que aquilo que aparenta e por vezes basta um pequeno esforço da parte de cada um para descobrir que afinal há um mundo, para além daquele em que nos entranhamos, e a cultura, o património, a gastronomia, as festas e todos os outros aspetos que se relacionam com estes, são realmente cativantes e interessantes, muito para além do que por vezes se espera na nossa faixa etária.

Em resumo, este foi um trabalho que embora tenha requerido muito esforço e atenção, valeu a pena.

## Bibliografia

- **Manuais:**

⇒ Manual de Turismo – Informação e Animação Turística;

- **Site:**

⇒ [http://pt.scribd.com/doc/79624684/5/CONTEXTO-CULTURAL-DO-](http://pt.scribd.com/doc/79624684/5/CONTEXTO-CULTURAL-DO-LAZER)

[LAZER](http://www.cm-cabeceiras-basto.pt) fonte: <http://www.cm-cabeceiras-basto.pt>

⇒ [http://en.wikipedia.org/wiki/Cabeceiras\\_de\\_Basto](http://en.wikipedia.org/wiki/Cabeceiras_de_Basto)

⇒ <http://museuterrasbasto.wordpress.com/sobre/>

⇒ <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=380014>

⇒ <http://www.cabeceirasdebasto.pt/29>

⇒ <http://www.igogo.pt/centro-hipico-de-cabeceiras-de-basto/>

⇒ <http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/desenvRegArtigo.asp?reg=378969>

[&cat=11&funcao=topico&tipos=1](http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/desenvRegArtigo.asp?reg=378969)

⇒ <http://pt.scribd.com/doc/26054535/MODULO-7-Itinerarios-e-Destinos-Turisticos>

- **Outros:**

⇒ ALMEIDA, Paulo (1995) Documento da Universidade de Aveiro – A Contribuição da Animação Turística;

# Anexo A

## Folheto